

Artigos

A subjetividade da língua na construção de textos jornalísticos Language subjectivity in the construction of journalistic texts

Carlos Alberto Badke*
Celia Helena de Pelegrini Della Méa**
Daiani Ferrari Trindade***

RESUMO: Com essa pesquisa, pretendemos identificar marcas de subjetividade presentes em notícias da editoria policial dos jornais impressos *A Razão* e *Diário de Santa Maria*. Entendemos por subjetividade a capacidade de o locutor se propor como sujeito, conforme postula Émile Benveniste. Constituímos como *corpus* desta pesquisa textos que abordam a notícia do assassinato de Ângelo Razzolini Biazzi, de 23 anos, morto a facadas no centro de Santa Maria/RS, em 14 de agosto de 2011. Nesta proposta de pesquisa, utilizamos a Teoria da Enunciação pelo viés de Émile Benveniste, bem como nos apoiamos em teorias jornalísticas, a fim de justificar as escolhas discursivas para a construção de tais textos. Temos por pressuposto que o princípio da objetividade jornalística, proposto por teóricos ligados ao processo de construção das notícias, pode ser questionado à luz da teoria que discute a enunciação como um lugar de apropriação que o locutor faz da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Jornalismo. Objetividade. Subjetividade.

ABSTRACT: With this research, we intend to identify subjectivity marks in police news of the following two printed newspapers *A Razão* and *Diário de Santa Maria*. We understand subjectivity as the speaker's ability to propose himself or herself as a subject, according to Émile Benveniste approach. Texts about the murder of Angelo Razzolini Biazzi, 23, who was stabbed to death in the city center of Santa Maria on August 14, 2011 are the corpus of this study. In order to develop this research proposal, we will base our analysis on the Theory of Enunciation, as proposed by Émile Benveniste, as well as on journalistic theories, which may justify the discourse choices in the construction of such texts. We assume that the principle of journalistic objectivity, proposed by theorists associated with the news writing process, can be questioned in the light of the theory that discusses enunciation as a place of language ownership made by the subject.

KEYWORDS: Enunciation. Journalism. Objectivity. Subjectivity.

1. Introdução

O processo de construção das notícias é complexo e passa por várias fases trabalhadas pelo jornalista ou profissional de comunicação. Diversas teorias podem ser

* Mestre em Ciências da Comunicação e docente do Centro Universitário Franciscano UNIFRA.

** Doutora em Letras e docente do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da UFSM.

*** Jornalista e especializanda em Linguagem e Representação no Centro Universitário Franciscano UNIFRA.

usadas como arcabouço para essa construção, cada uma com características específicas que determinam de que forma será esse processo. As notícias que são veiculadas nos meios de comunicação passam por um processo de produção, que vai desde a seleção dos fatos que receberão caráter noticioso até sua produção e publicação, seja em meio impresso ou eletrônico. Elas são produzidas por locutores que se apropriam da língua e na qualidade de sujeitos a colocam em uso, sendo que um de seus critérios de produção é a objetividade, sob o qual o jornalista faria apenas o relato dos fatos, sem incluir impressões ou comentários, contendo sua opinião.

Um dos critérios de noticiabilidade (ou valor-notícia), conjunto de elementos pelos quais as empresas e os trabalhadores da comunicação controlam a produção de informações (TRAQUINA, 2004), levados em consideração durante o processo de construção de uma notícia, é a negatividade. Segundo a tipologia dos valores-notícia propostos, em 1965, por Galtung e Ruge e retomados por Traquina (2003), é o que define que as notícias trágicas despertam maior interesse no público e são as mais fáceis de noticiar. A negatividade é um critério que identificamos nas matérias selecionadas para este estudo, que dão conta da morte de um rapaz de 23 anos, que teria sido morto a golpes de faca na madrugada do dia 13 de agosto de 2011, na Galeria do Comércio, no centro de Santa Maria/RS, por outros três jovens.

Numa rápida leitura em jornal impresso é possível verificar esse aspecto que faz com que os veículos atraiam um número maior de leitores. Marcas como *infelizmente*, *tragicamente*, além da adjetivação e o uso de certos pronomes, são fatores que vão ao encontro do valor-notícia da negatividade. Termos como esses podem ser classificados como dêiticos, que Émile Benveniste (1970), quando trata da Teoria de Enunciação, denomina como indicadores da subjetividade ou índices da enunciação. São essas marcas que buscaremos analisar nas matérias sobre o fato citado que buscam a objetividade, mas presentificam marcas subjetivas.

Baseados nessas concepções, propomo-nos, com esse estudo, analisar as marcas de subjetividade presentes em alguns textos dos jornais A Razão e Diário de Santa Maria. Identificando essas marcas de subjetividade, discutiremos o critério da objetividade jornalística presente na profissão desde o início da vida acadêmica.

2. Como se formam as notícias

Os jornais *A Razão* e *Diário de Santa Maria* são periódicos impressos veiculados em Santa Maria, município localizado no centro do Rio Grande do Sul e em cidades dessa região. O *A Razão* foi fundado em 1934, sendo “um dos mais tradicionais veículos de comunicação do interior do Rio Grande do Sul”, apresenta perfil comunitário da cidade e região, com alcance de mais de 40 municípios do Centro e Fronteira-Oeste do Estado, conforme página eletrônica da empresa. Já o jornal *Diário de Santa Maria* teve sua primeira edição veiculada no município em 19 de junho de 2002, com a proposta de fazer “uma nova leitura da cidade”. Integrante do grupo RBS, abrange, além de Santa Maria, 35 municípios do centro do Estado. “Tem no seu DNA a identificação com a população dessa região, sendo reconhecido pelo forte envolvimento com a comunidade na qual atua”, conforme endereço eletrônico do veículo. Os dois jornais contam com versões online, sendo o www.arazao.com.br e o www.diariosm.com.br. Devemos enfatizar que para nosso trabalho somente textos da versão impressa de ambos os veículos serão analisados.

São diversos os gêneros jornalísticos que encontramos em AR e DSM¹: notícia (gênero que selecionamos para análise), reportagem, entrevista, artigo, crônica, editorial, sendo esses os mais encontrados. Nilson Lage (1985) diferencia a notícia da reportagem, dizendo que a notícia aborda os acontecimentos como uma série de fatos, enquanto que a reportagem viria como um levantamento maior de dados, seguindo diretrizes pré-estabelecidas para contar esse acontecimento. Para Medina (1978), a diferença entre os dois gêneros está na ampliação das linhas de tempo e espaço na abordagem deste fato:

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação de fatos que situam ou exemplificam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato (Medina, 1978, p.134).

A principal característica do texto jornalístico é o volume de informações factuais, sendo a notícia o texto básico. De acordo com Lage (2005, p. 73), ela expõe um fato novo ou desconhecido, ou uma série de fatos novos ou desconhecidos sobre um mesmo

¹ A partir de agora, utilizaremos as siglas AR para o Jornal *A Razão*, bem como trabalharemos com DSM para registrar o Jornal *Diário de Santa Maria*.

acontecimento. Uma das práticas mais utilizadas durante a construção jornalística é tomar como ponto de partida o aspecto mais relevante do fato e com ele abrir a notícia. O primeiro parágrafo é o que se convencionou chamar de *lead* da notícia, no qual consta “o que, quem, quando, onde, por que”. É o parágrafo-tópico, que inicia pela sentença-tópico. Um texto com esse formato chama-se de pirâmide invertida.

2.1 Gatekeeper: escolhas exclusivas do jornalista

As teorias do Jornalismo dão conta de explicar o motivo de as notícias serem como são. Elas buscam esclarecer, de acordo com as mais diversas características e formas de atuação, o porquê e o processo de construção pelo qual passam as notícias que chegam ao nosso conhecimento. No Brasil, o precursor do estudo sobre essas teorias é Adelmo Genro Filho, santa-mariense, que na década de 70, publica artigos sobre “a necessidade de uma teoria do jornalismo” (MEDITSCH, 2004 apud TRAQUINA, 2004). Mundialmente, os estudos sobre jornalismo começam a ter repercussão também nos anos 70, sendo reunidos pelo Catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, Nelson Traquina, que se tornara a pessoa mais bem informada sobre o assunto no mundo da língua portuguesa.

O estudo a que nos propomos, baseia-se em uma teoria que determina que as escolhas discursivas são puramente fundamentadas na subjetividade de um locutor que se apropria da língua, colocando-a em funcionamento. Logo, acreditamos que as matérias veiculadas nas editorias policiais de AR e DSM, da forma como são, são frutos de escolha pessoal, como sustenta a Teoria do Gatekeeper, ou Teoria da Ação Pessoal. Através dela, David Manning White, em 1950, sustenta que o processo de produção das notícias é baseado em escolhas pessoais do jornalista, que seria o *gatekeeper* responsável pelos fatos que poderiam ou não virar notícias, além das escolhas discursivas para contar as histórias. Essas preferências seriam definidas através de *gates*, ou seja, “portões” que, como define Traquina (2004, p. 150), “não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não”, além da forma como tratá-la.

Conforme White (1950), este seria um processo arbitrário e altamente subjetivo, condicionado a juízos de valores que partem de uma análise micro-sociológica, em nível do indivíduo, concebida através de experiências, carga de conhecimento e cotidiano próprio do produtor das notícias, e não por constrangimentos organizacionais. Partindo

disso, “no nível individual, a teoria avança uma explicação quase exclusivamente psicológica” (TRAQUINA, 2004, p. 151).

A Teoria da Ação Pessoal, além de sustentar a subjetividade nas escolhas jornalísticas, refutou a Teoria do Espelho, a mais antiga que tentou sustentar que as notícias têm o formato que têm, pois a realidade assim determina. Segundo Traquina (2004, p. 147), trabalhando sob a ótica de o jornalismo ser um espelho da comunidade, “o papel do jornalista é definido como o do observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não dar opiniões pessoais”. A partir dessa perspectiva, existe uma separação entre notícia e opinião pessoal, no caso uma excluindo a outra, sendo o texto jornalístico despido de qualquer traço subjetivo. De acordo com a Teoria do Espelho, os fatos apresentados nas notícias selecionadas por este estudo seriam de tal forma como foram expressos pelos veículos e os jornalistas seriam meros mediadores da realidade, sem levar em consideração que nem sempre os fatos expostos pela mídia são em sua totalidade verdadeiros.

À medida que foram sendo aprofundados os estudos jornalísticos, novas hipóteses foram instauradas, sendo as mesmas baseadas em fatores mais amplos, como contexto, momento histórico e política organizacional da empresa - teorias como a Organizacional, da Ação Política, Construcionista, Estruturalista e Interacionista. Com base nessas teorias, pode-se também analisar os discursos utilizados na construção do texto jornalístico das editoriais policiais dos jornais Diário de Santa Maria e A Razão, inclusive das notícias selecionadas. Tendo em vista o que define cada teoria, queremos evidenciar o caráter subjetivo do tipo de construção que cada uma propõe. Para elas, vários outros fatores estariam influenciando o processo de produção, apresentando uma ampla gama de fatores, tirando a responsabilidade unicamente do jornalista. Mesmo com os fatores externos ao profissional que influenciam suas escolhas e formas de trabalhar, é sobre ele que recai a tarefa de contar um fato, do mais feliz – pauta que todo jornalista gosta de fazer, ao mais triste. Por isso, a hipótese da Ação Pessoal ser a que mais se adapta ao desenvolvimento desse trabalho, pois junto a Teoria da Enunciação, trabalha com escolhas subjetivas no nível do indivíduo.

2.2 O Jornalismo e o princípio da objetividade

Desde o ingresso do futuro jornalista nos bancos universitários, um dos assuntos mais tratados é a objetividade jornalística, tida como um norte a ser seguido durante toda

a carreira. Pode-se definir um texto jornalístico como objetivo pelas suas qualidades como a precisão, interesse, verificação, veracidade e neutralidade. Mas como cobrar neutralidade de um jornalista durante a seleção das notícias, bem como durante o processo de produção delas, visto que a escolha das fontes já é um processo altamente subjetivo?

A fonte de qualquer informação nada mais é que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediada pelos ‘óculos’ de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos. E, dependendo do grau de miopia, a lente de aumento pode ser direcionada para seus próprios interesses” (Pena 2006, p. 57).

Com isso, percebemos, claramente, que desde a seleção do fato a ser trabalhado até a veiculação dessa notícia, é impossível dissociar o sujeito do resultado final obtido. Nas claras palavras de Pena (2006, p. 50), a “objetividade é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim para reconhecer sua inevitabilidade”. Na escolha do que pode virar notícia, já se tem a presença da subjetividade do jornalista, que usa os critérios de noticiabilidade, ou seja, um conjunto de elementos pelos quais as empresas e os trabalhadores da comunicação controlam a produção de informações (TRAQUINA, 2003), para elencar fatos que podem ser noticiados, embora os mesmos fatos possam não ter o mesmo grau de importância para diferentes jornalistas. Wolf (1999) estabeleceu seis critérios de noticiabilidade: proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana, mas não explicou uma forma objetiva para a avaliação sobre em qual categoria os fatos se encaixam e se é possível encaixá-los em alguma delas. É uma escolha subjetiva que depende única e exclusivamente do jornalista para virar notícia ou não (conforme a Teoria do Gatekeeper).

No material selecionado para esse trabalho identificamos inúmeras ocorrências subjetivas, entre elas, algumas marcas que, além de posicionar o sujeito na cena enunciativa, encaixam-se no critério jornalístico da negatividade. Os referidos termos podem identificar pensamentos do jornalista ou da empresa para a qual este trabalha, com o objetivo de aumentar o público leitor do veículo. Baseado nisso, podemos chamar essas notícias de objetivas? Abramo (1988, p. 117) discorre sobre a subjetividade inevitável do jornalismo, e complementa a ideia de que o “jornalismo objetivo é uma ilusão que se tenta passar para os jornalistas e deve ser expurgada do espírito dos profissionais. Não existe

um jornalismo objetivo, existem vários”. Enquanto isso, Amaral (1996, p. 77) cita uma conversa com o jornalista Renato Bittencourt, que diz como o jornalismo deve ser:

seco, árido, difícil de entender, na medida em que focalizasse todas as opções e hipóteses. Uma ilustração: obituário costumava ser uma parte objetiva do jornal. Vem a imprensa britânica e resolve que ele tem que ser *interessante*. Então permitiu que seja escrito de forma *subjetiva*. E é matéria assinada para caracterizar que é fruto de um ponto de vista pessoal.

Embora existam autores que ainda acreditam que textos subjetivos ou que expressem a opinião de seu autor, sejam os assinados, percebemos que a objetividade é uma utopia no campo jornalístico, visto que não há como desvincular o indivíduo do jornalista. O processo de construção jornalística depende do sujeito que, conforme as notícias selecionadas, deixa suas marcas, comprovando que a objetividade não passa de um aparato para tentar garantir a credibilidade do veículo e a sua própria credibilidade enquanto profissional. De forma velada, as notícias vão delineando pensamentos e ideologias próprias do jornalista ou do grupo a que ele representa. Mesmo influenciado pela empresa, o jornalista ainda é o centro da construção das notícias, pois é ele que apura os fatos através de inúmeras possíveis fontes para contar uma história, que terá o seu olhar e transmitirá basicamente o que ele quiser transmitir.

2.3 A Enunciação do Eu – Tu – Aqui – Agora

A Teoria da Enunciação, proposta por Émile Benveniste, é uma teoria que considera o homem na língua, quando esse se apropria dela e a coloca em uso, através de atos individuais. É um estudo que indica uma condição linguística cuja unidade é a frase, que tem a enunciação como objeto, e a intersubjetividade como fundamento. Com base nos estudos de Ferdinand de Saussure, que nos apresenta uma dicotomia entre língua e fala, trabalhando com a língua enquanto forma, desvinculando-a da fala, ou seja, do uso, Benveniste (1989, p. 82) estuda a língua em uso e salienta que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, sendo que um discurso novo é produzido a cada nova enunciação.

Para tanto, dois personagens são essenciais durante esse processo, um locutor (sujeito) – aquele que fala para alguém, e o alocutário – aquele para quem se fala. Antes de estabelecidas as pessoas e que a língua seja colocada em funcionamento, ela é somente

uma possibilidade de ser transformada em discurso, apenas uma estrutura complexa de signos, de caracteres que também são uma possibilidade de ser. Esses caracteres e essa estrutura somente terão sentido após o locutor colocá-los em uso, sob a forma de discursos, e atribuindo-lhes sentido.

Com a teoria de Benveniste, todo o sistema submetido à enunciação se dá a partir do “Aparelho Formal da Enunciação” (1970), que tem como componentes o *eu-tu-aqui-agora*, com o qual podemos compreender que a língua em uso depende exclusivamente do sujeito que a coloca em funcionamento - dele próprio, do tempo dele e do espaço em que se encontra. Para introduzir o assunto, em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946), Benveniste busca elucidar as noções de pessoa, elegendo a primeira e segunda – *eu* e *tu* – à categoria de *pessoa* e a terceira – *ele* – como uma *não pessoa*. Sob a ótica dos estudos de Benveniste (1989), Flores; Silva; Lichtenberg; Weigert (2008, p. 51) relata que o autor estabelece uma estrutura opositiva entre elas, ele “opõe ‘a primeira pessoa’ e a ‘segunda’ à ‘terceira’ [...] pois tanto a ‘primeira pessoa’ como a ‘segunda’ estão implicadas no discurso, e a ‘terceira’ dele não participa”.

Estabelecidas as pessoas (e não pessoa) por Benveniste, já podemos constituir uma relação de subjetividade, visto que a Enunciação “introduz aquele que fala em sua fala” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Se é pacífico, para Benveniste, que o sujeito está presente em sua fala, podemos dizer, com base na Teoria da Enunciação, que em momento algum o texto jornalístico é algo objetivo. Mesmo na teoria de Lippmann (PENA 2006, p. 51), na qual o método para a construção noticiosa deveria ser objetivo e não o jornalista, não se pode dizer que a prática jornalística seja objetiva, pois não é concebível a separação de língua e sujeito, sendo eles estruturas indissociáveis. Além de que, segundo Flores; Silva; Lichtenberg; Weigert (2008, p. 56), “o uso da língua revela a enunciação no enunciado”, é o *eu* que diz *eu*, no qual está implicado um *tu*, no momento do *aqui* e *agora* - o jornalista se referencia no discurso materializado. Logo, o texto jornalístico, com suas marcas subjetivas, não deixa de ser algo que fala do próprio jornalista, por isso o caráter subjetivo. Além da subjetividade que está implicada na noção de pessoa, Flores; Silva; Lichtenberg; Weigert (2008, p. 52) nos elencam outras duas características propostas por Benveniste, a da unicidade e da reversibilidade. A primeira diz respeito a toda a enunciação ser única e irrepitível, portanto a cada nova enunciação o *eu/tu* passam por um processo de renovação. Já a reversibilidade dá conta de que um *tu* quando se apropria da cena enunciativa, já não seria mais um *tu*, mas um *eu* que renova a enunciação e a

torna nova e única. É um *tu* que passou a ser *eu*, a falar de si – *eu* que diz *eu* – e que tem um novo *tu*, portanto, uma nova enunciação, pois o aqui e agora também foram renovados, instaurando, com isso, uma relação intersubjetiva, dado o poder de dissociação e reversibilidade entre o *eu/tu*.

Instaurado o aparelho formal de enunciação, e estabelecidos os processos de construção discursiva, Benveniste questiona a dicotomia entre língua/fala proposta por Saussure e a ideia de que sejam sistemas isolados, pois acredita que língua e fala sejam os dois pilares de construção da Teoria da Enunciação e do aparelho formal, visto que toda enunciação é concebida a partir da utilização da língua por um sujeito que se apropria dela e a transforma e enuncia sob a forma de discurso.

2.4 Da intersubjetividade ao presente da enunciação

A comunicação é um processo pelo qual a linguagem é utilizada por um *eu* que a emite para um *tu*, o que Benveniste convencionou chamar de processo intersubjetivo, sendo a interação entre *eu* e *tu* e sua inversibilidade, para Flores e Teixeira (2005), o constituinte da relação intersubjetiva. Para que isso seja possível, a língua é o elemento principal, visto a impossibilidade da construção de um sujeito e de uma sociedade sem que a língua seja utilizada como elemento transformador. “A intersubjetividade está para a linguagem assim como a subjetividade está para a língua” (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 34). Baseado nisso, encaramos a comunicação como a consequência pragmática da língua, visto que lança mão da linguagem para cumprir seu papel, e, para isso, um sujeito, nesse caso um jornalista, a utiliza e enuncia de forma a informar as pessoas, através da significação, pois, conforme Flores e Teixeira (2005), “a função desses signos é a de promover a comunicação intersubjetiva”.

Se Benveniste diz que a subjetividade é a capacidade de um locutor de se propor como sujeito, e quando um *eu* utiliza a língua e enuncia, visto que esse enunciar já pressupõe um *tu*, a enunciação é um ato subjetivo. Quando a enunciação do *eu* por si só já nos impõe um alocutário, podemos chamar de processo intersubjetivo, já que esse mesmo *tu* pode vir a se tornar um *eu*, apropriando-se desse discurso primeiro e concebendo uma nova enunciação (processo de reversibilidade). Com base nisso, por que dizer que a comunicação, em especial o jornalismo, e a construção de notícias é feita seguindo parâmetros objetivos? A objetividade não está na forma de construir notícias, está na essência do sujeito/jornalista/locutor, pois, de acordo com Émile Benveniste, cuja

teoria utilizamos como fonte para nosso estudo, seria impossível dissociar duas estruturas tão complexas, como o homem e a língua. Essa distinção não existe, visto que um é elemento de constituição para o outro. Tanto é verdadeira a afirmação de que língua e indivíduo são inseparáveis, e que o sujeito se coloca naquilo que enuncia, que não existe forma de se conceber uma língua sem espelhar os indivíduos que a utilizam.

Então, Benveniste ilustra seus estudos baseado na presença de um sujeito que atua como agente transformador da língua, fazendo-se presente através da instauração do *eu* (pessoa subjetiva do discurso), mesmo que esse *eu* não seja um *eu* conceitual, ele é apenas uma referência. Um *eu* referencial significando todos os sujeitos que se apropriam da língua e a colocam em uso, não um *eu* personificado, visto que seria impossível criar apenas um único *eu*. Por isso, seu caráter referencial àquele que enuncia, através de um ato individual, não podendo ser identificado fora do discurso, sendo sua realidade a realidade do discurso. E nisso está baseada a subjetividade e, por consequência, a intersubjetividade benvenistiana, já que, conforme vimos anteriormente, todo *eu* pressupõe um *tu*, proporcionando a troca e inversão de papéis entre locutor e alocutário.

O autor nos mostra que, fundamentado por esse sujeito que enuncia, e sendo ele mesmo aquilo que enuncia e algo que fala dele próprio, o “fundamento da subjetividade está no exercício da língua” (BENVENISTE, 2005, p. 288). Se a língua (em uso) é subjetiva, sendo a linguagem desenvolvida a partir de um sujeito que na enunciação já pressupõe um alocutário, podemos prontamente afirmar, ainda, o caráter intersubjetivo dela, pois é correto sustentar a presença da reversibilidade entre as pessoas do discurso, podendo a pessoa não subjetiva (*tu*) passar a ser pessoa subjetiva (*eu*), e essa, por sua vez, assumir o caráter de pessoa não subjetiva, a quem o discurso é dirigido. Com isso, é aceitável que um leitor dos jornais em questão se aproprie do discurso desses e assumo o papel de pessoa subjetiva, provocando com isso uma nova enunciação e proporcionando que outras pessoas tomem conhecimento sobre os fatos publicados.

Além da subjetividade (a pessoa subjetiva que enuncia) que nos determina a enunciação, a organização temporal também é fator determinante para isso, basta lembrar que um dos componentes do Aparelho Formal da Enunciação é o agora (*eu-tu-aqui-agora*) que, conforme Flores (2009), é o eixo do tempo linguístico que fundamenta a temporalidade na enunciação, sendo o tempo da língua instaurado a cada nova enunciação do sujeito. Sobre esse tempo, convém esclarecer que todos os tempos linguísticos podem estar presentes nesse discurso, embora futuro e passado sejam tempos referenciais,

interiores ao discurso, isto é, tempos que subjazem ao presente da enunciação. Benveniste (2005) salienta que toda língua distingue os tempos, embora essa “linha de participação” seja sempre uma referência ao presente, e esse, por sua vez, seria uma referência temporal àquilo que se enuncia, por isso, o “agora” do aparelho formal de enunciação é o tempo em que se fala (enuncia), embora referências temporais ao passado ou futuro possam ser feitas, como projeções sobre o tempo.

Os discursos se renovam a cada nova enunciação, pois sempre que se enuncia o locutor atualiza as referências objetivas em uma nova instância discursiva, que adquire um novo momento presente. “O tempo linguístico é *sui-referencial*. Em última análise, a temporalidade humana com todo seu aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 289). Sobre a subjetividade a qual Benveniste refere-se, Flores (2009) acrescenta o princípio da intersubjetividade corroborado pela instância temporal, podendo o *tu* tomar a palavra de *eu* – convertendo-se em *eu* – e com isso apropriando-se do discurso de *eu*, juntamente com toda a demarcação temporal presente nele. Assim, não só o discurso, mas também suas marcas temporais, passam a ser do *tu*, que assumindo o caráter de *eu*, formam então uma nova enunciação (única e irrepetível, com um novo tempo presente).

Com esse panorama exposto por Benveniste, buscamos, a partir da Teoria da Enunciação, além de identificar as marcas subjetivas presentes nas notícias selecionadas para este trabalho, mostrar quais os recursos mais utilizados durante a construção noticiosa dos dois veículos. Com base em experiência pessoal, anteriormente ao texto impresso e publicado no jornal diário, o jornalista sai em busca das informações necessárias, através de dados de órgãos policiais (neste caso específico), fontes, sejam elas ligadas às vítimas ou não, redação e edição da notícia. É esse processo de edição que nos interessa para tentarmos entender como se estabelece a cena enunciativa. Um repórter redige a matéria, coloca a língua em funcionamento para a produção de um enunciado, que será revisado pelo editor que se usará desse enunciado primeiro para a construção de um segundo enunciado através de sua renovação. Esse enunciado (notícia) renovado chega à casa das pessoas sendo materializado pela língua, estabelecendo uma função supostamente referencial. Assim como a língua tem uma dupla função, de ser signo e significante, produzindo referências, o jornalismo também exerce uma função referencial quando usa a linguagem para significar fatos.

2.5 Cenas enunciativas

Princípio básico do jornalismo, a comunicação, o comunicar algo a alguém, é um processo intersubjetivo, que permite a troca de experiências humanas. Os fatos expostos na atividade jornalística são explicados pela linguagem, também subjetiva. Sendo a Enunciação benvenistiana uma teoria que propõe a presença do sujeito na língua, algumas estruturas utilizadas no discurso são capazes de mostrar a presença desse sujeito, que não se apresenta como figura, mas é um “sujeito que diz e que se diz” (FLORES, 2008, p. 77).

Benveniste, em seu artigo “Da subjetividade na linguagem” (1958), fala sobre a linguagem ser algo inerente ao homem, sobre a impossibilidade desse mesmo homem constituir-se sozinho, necessitando da linguagem para concretizar sua existência. Por isso, a comunicação se reflete como uma consequência pragmática da língua, sendo somente estabelecida no momento em que ela encontra-se em uso, externando a subjetividade inerente ao homem. “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 1958, p. 286). É isso que o jornalista faz quando enuncia, se apropria da língua que conhece, de forma a estabelecer um elo comunicacional com os leitores de jornais, nesse caso, colocando-se como um elemento interior ao discurso, de forma a deixar implícito “*eu* digo que” antes dele, instaurando o caráter subjetivo.

Um dos primeiros aspectos analisados na busca por esses sujeitos enunciadores são os pronomes pessoais, que, segundo Flores (2008, p. 77), servem como reveladores da subjetividade na linguagem. O autor esclarece que Benveniste, quando pensou em uma forma de analisar as cenas enunciativas, evidenciou a necessidade de separação entre o que é um signo vazio, visto somente sob uma perspectiva semiótica, e um signo que se tornou pleno a partir da perspectiva do discurso. Flores (2008) lembra que apenas são considerados como pronomes pessoais as formas *eu* e *tu*, pessoas do discurso, em detrimento do *ele*, tido como a não pessoa, ou seja, alguém que não fala tampouco a quem o discurso é dirigido – a não pessoa é sobre aquilo que se fala. Além destes, seus desdobramentos também são analisados por Benveniste, sendo o *nós* e o *vós* pessoas *amplificadas*, em contraposição a pessoa *estrita*, ou seja, o singular. O *nós* seria então a presença do *eu* e não *eu/eus* e o *vós* a transição entre o *tu* e o *vós*, ou seja, o alocutário tomado com distanciamento ou não definido. Por isso, sendo a enunciação algo que diz e se diz, apenas os dois primeiros pronomes da lista figuram sob o *status* de pessoa, pois

somente eles são capazes de ter essa dupla característica, poder enunciar e ser o enunciado.

Também nos dão a possibilidade de análise da subjetividade os pronomes possessivos e os demonstrativos, que por referirem às pessoas do discurso também compartilham o *status* de pronomes pessoais. “Podemos dizer que os demonstrativos, *este, esse* etc., se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa *eu* e *tu*, como no latim *hic=este*, perto da pessoa que fala, portanto *eu*; *iste=esse*, perto da pessoa com quem se fala, portanto *tu*” (FLORES, 2008, p. 79). O verbo por sua vez comporta modos de significação objetivo e subjetivo, dependendo da instância do discurso em que está inserido. Pode-se questionar que a origem do princípio da profissão de jornalista de que o texto em terceira pessoa denota objetividade tenha como base a linguística benvenistiana, que contrapõe *eu/tu* a *ele*. Sobre isso, Flores (2008) fala em uma ruptura interna da língua, contrapondo os modos subjetivos e objetivos de significar. O primeiro é representado pelos pronomes *eu/tu* e o segundo sendo representado pela não pessoa *ele*, por isso a orientação de que os textos jornalísticos devem ser redigidos em terceira pessoa.

Essas são algumas marcas que podemos identificar no texto jornalístico, pretensamente objetivo, mas que muitas vezes fogem desse princípio presente nos manuais. Em “Da subjetividade da linguagem” (1958), Benveniste nos mostra as noções de *dêixis*, marcas que identificam o sujeito durante o ato enunciativo, ou seja, indicadores de subjetividade. As *dêixis* são os artifícios utilizados pelo sujeito para situar o alocutário no enunciado. São adjetivos, advérbios, locuções adverbiais e flexões verbais que dão a noção de temporalidade e espacialidade ao leitor.

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da *dêixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, aqui, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc. (BENVENISTE, 2005, p. 288).

Quando enunciamos e utilizamos a *dêixis* para situar o alocutário não estamos fazendo nada mais que expressando nossa subjetividade pela utilização da língua. Em todas as vezes que localizamos nos textos selecionados de AR e DSM termos com a função de *dêixis*, o sujeito enunciativo estabelece uma relação semântica para eles, que sozinhos seriam apenas signos vazios. Conforme Benveniste (2005, p. 280), é na e pela

utilização da língua que eles ganham sentido e tornam-se plenos, não existindo fora da enunciação. “Assim a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência. Porque eles não poderiam surgir nem ser empregados no uso cognitivo da língua”, grifou.

Embora essas marcas tragam ao enunciado outros tempos, o tempo da enunciação é o presente, do aqui e agora. Todo tempo verbal expresso no enunciado subjaz ao presente da enunciação, logo seu tempo é “o tempo em que se fala”. Por isso, toda enunciação é única e irrepetível, por sempre referir a fala do sujeito ao tempo presente, sendo renovada a cada novo ato enunciativo, mesmo que fale de passado ou de futuro.

3. Aspectos metodológicos

A partir do método quali-quantitativo de análise, buscamos, com essa pesquisa, identificar marcas de subjetividade presentes nos textos referentes à morte de Ângelo Razzolini Biazzini, de 23 anos, que teria sido atacado e morto a facadas por outros dois jovens na madrugada do dia 13 de agosto de 2011, no Calçadão Salvador Isaías, em Santa Maria/RS. Para tanto, selecionamos quatro cenas enunciativas veiculadas nas editoriais policiais dos jornais Diário de Santa Maria e A Razão, no dia 15 de agosto, sendo uma matéria e uma capa de cada um dos periódicos. Os jornais A Razão e Diário de Santa Maria são periódicos impressos veiculados em Santa Maria, município localizado no centro do Rio Grande do Sul e em cidades dessa região. Os dois jornais contam com versões on-line, sendo o www.arazao.com.br e o www.diariosm.com.br. Devemos enfatizar que para esta pesquisa somente textos da versão impressa de ambos os veículos são analisados.

Em um primeiro momento, utilizamos os estudos sobre a Enunciação, propostos por Émile Benveniste, para auxiliar na identificação de marcas de subjetividade inseridas nas referidas notícias (fatos enunciativos) – pronomes, advérbios, adjetivos. A partir disso, traçamos um panorama sobre o universo jornalístico, desde o processo de produção das notícias até sua veiculação, revisando o princípio da objetividade jornalística, considerado um dos aspectos responsáveis pela credibilidade dessa prática comunicacional. Nossos apontamentos acerca da realidade jornalística foram guiados por autores como Nelson Traquina (2003 e 2004), e Mauro Wolf (1999), que serviram como arcabouço para o embasamento das rotinas produtivas do jornalista durante o processo de produção noticiosa.

Para finalizar, fizemos uma comparação quantitativa entre as marcas subjetivas encontradas nas notícias selecionadas e estabelecemos uma linha de raciocínio sobre o nível de objetividade de cada um dos veículos analisados, tendo como base os autores já citados. O caráter qualitativo da pesquisa deve-se ao fato de o método trabalhar com uma realidade que não pode ser apenas quantificada. Não trabalhamos apenas com números, embora eles estejam presentes no momento em que comparamos os dois veículos, mas com realidades transmitidas pelos textos, subjetividades dos indivíduos envolvidos durante o processo.

4. Resultados e discussões

A seguir, veremos algumas análises feitas a partir das cenas enunciativas selecionadas.



Figura 1. Texto: Universitário é morto de forma covarde no Calçadão
A Razão – 15 de agosto de 2011, Capa.

A adjetivação, marca subjetiva, aparece na capa do jornal AR, na chamada para o texto sobre a morte do estudante Ângelo Razzolini Biazzi, “*Universitário é morto de forma covarde no Calçadão*”. Essa informação é baseada nas percepções do sujeito, são critérios pessoais que definem o que seria uma morte provocada de forma covarde. Em momento algum ele nos explica de maneira objetiva em que é baseada sua opinião sobre a caracterização que deu para o crime, ou seja, é uma percepção própria que o locutor espera compartilhar com os leitores do jornal. No texto de apoio, a informação é de que o crime ocorreu “*no Calçadão Salvador Isaía, em pleno Centro de Santa Maria, ao ser atacado por um grupo...*”, sendo que nesse trecho encontramos mais uma expressão que caracteriza a opinião do autor da cena enunciativa, mostrando sua indignação, com o objetivo de chocar os leitores, pois o fato ocorreu na zona central da cidade, onde supostamente não poderiam acontecer fatos como esse ou como se no centro da cidade não devesse haver crimes dessa natureza, ou mesmo de nenhuma tipologia. O trecho “*em pleno Centro de Santa Maria*” também demonstra a presença do sujeito por se tratar de um aposto, uma expressão ou termo acessório explicativo, dispensável, mas que por critério próprio, o locutor julgou ser importante colocá-lo para a melhor compreensão da gravidade dos fatos.

Em todo o texto de apoio, o locutor procura não se comprometer com as informações que está repassando. Ele faz uso do discurso indireto para colocar na voz de outro o que está contando, cujo recurso percebemos em “*Conforme o registro policial*”, “*Os agressores disseram que...*” ou em “*Conforme a Polícia...*”. Identificamos, também, a voz desse locutor quando ele claramente nos diz que não tem certeza sobre o número de pessoas que atacou Ângelo, explicando que foi “*um grupo de pelo menos três rapazes*” e, ainda, emprega verbos modalizadores, no futuro do pretérito, “*teria*” e “*seriam*”, tirando, dessa forma, de sua responsabilidade aquilo que está dizendo, embora esta seja uma das regras de redação jornalística. Da maneira como as informações são colocadas, com a utilização dessas formas verbais, elas são uma suposição, uma possibilidade que o locutor está apresentando, podendo se concretizar ou não.

polícia

A RAZÃO Segunda-feira, 15 de agosto de 2011 15

Rebelião no Presídio Estadual de Santiago

Um grupo de aproximadamente cinquenta presos promoveu um motim na tarde de ontem, dia 14, no Presídio Estadual de Santiago mobilizando reforço dos agentes penitenciários e da própria Brigada Militar que realiza a guarda externa.

De acordo com o Major Ney, comandante do 5º Regimento de Polícia Montada da BM, os detentos quebraram vidros e atearam fogo em colchões e mantas com intuito de promover desordem, quebraram vidros e armaram-se com pedras e barras de ferros provenientes da ação de depredação. Segundo oficial, a rebelião iniciou após o término do horário de sol, quando os presos se recusaram a retornar para sua cela, alguns deles escalarão os muros na tentativa de fuga evitada pela rápida ação de dois policiais, até chegada de mais brigadianos. Os policiais militares precisaram fazer uso das armas para rechaçar a ação dos detentos que investiam contra os

brigadianos com pedras.

O contingente usado no controle da rebelião totalizou cinquenta e dois brigadianos, que atuaram em conjunto com os agentes penitenciários, inclusive os que estavam de folga. As Polícias Rodoviárias Federal e Estadual também auxiliaram na recomposição da ordem, além do Corpo de Bombeiros que foi chamado para controlar o incêndio provocado pela queima de colchões, em um dos corredores que liga o pátio às celas.

Segundo informações, um detento saiu ferido. Porém, até o final da tarde de ontem as circunstâncias não haviam sido divulgadas, sendo que ele foi encaminhado para atendimento médico. A Brigada Militar manteve durante a noite reforço do efetivo na guarda externa do presídio. Os motivos que ocasionaram a rebelião serão apurados pelo diretor do presídio Antonio Luiz Vieira e através da Delegacia da Superintendência Estadual de Serviços Penitenciários. (Jones Diniz)



Detentos atearam fogos em colchões e quebraram vidros da cadeia

Prisão por tráfico de drogas

Três homens foram presos em Santiago, às 5h de sábado, por tráfico de drogas. Eles foram abordados na Rua Leônidas de Matos, Bairro das Palmeiras, durante patrulhamento feito por integrantes do Pelotão de Operações Especiais, em uma operação de policiamento. Inicialmente, eles tentaram abordar quatro homens, sendo que ao perceberem a presença da Brigada Militar eles saíram correndo, mesmo assim três deles foram abordados.

A abordagem resultou na apreensão de seis pedras de crack, dois tijolos de maconha e um revólver calibre 38 que tinha sido furtado na Rua José Caetano de Melo. Os poli-



ciais viram quando um deles jogou a arma fora. Foi lavado o flagrante, por porte ilegal de armas e tráfico de drogas, e os três indivíduos encaminhados ao presídio de Santiago. Conforme o delegado, os três já estavam sendo investigados.

Jovem baleado no Alto da Boa Vista

Na tarde de domingo, por volta das 16h, um adolescente de 14 anos foi baleado quando estava na casa da namorada na Vila Alto da Boa Vista, Bairro Nova Santa Maria. Ele teria recebido, pelo menos, dois tiros, um no tórax e outro na cabeça. O jovem foi encaminhado ao Hospital de Caridade

Astrogildo de Azevedo. Por volta das 19h, o adolescente foi encaminhado ao bloco cirúrgico. Não havia previsão de término da cirurgia. Segundo o HCAA, após a cirurgia, o adolescente será encaminhado à CTI neurológica. De acordo com a polícia, o provável autor teria 16 anos.

Jovem é morto no Centro

Rapaz de 23 anos foi esfaqueado durante tentativa de assalto na Galeria do Comércio, próximo ao Calçaedão

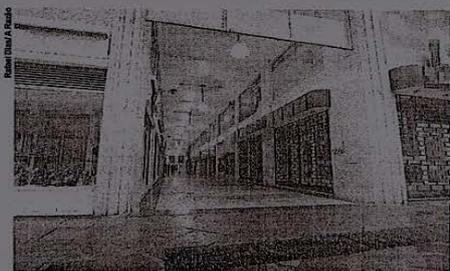
Elisa Pereira

O estudante de Design da Unifra Angelo Razzolini Biazzzi, de 23 anos, morreu no início da manhã de ontem em consequência de duas facadas no tórax desferidas durante tentativa de assalto, que aconteceu no Centro de Santa Maria. Ele foi socorrido pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), mas faleceu a caminho do Hospital de Caridade.

De acordo com informações obtidas junto à Polícia Civil e Brigada Militar, Angelo foi ferido por volta das 6h30, quando ingressava na Galeria do Comércio pela entrada que fica junto ao Calçaedão Salvador Isaiá. Ele estava acompanhado da namorada, também universitária, de 22 anos.

O casal foi abordado por um grupo de jovens do sexo masculino, que teria de três a cinco indivíduos. Pensado contra a parede da loja de calçados, o rapaz foi agredido. Durante a agressão ocorreu o esfaqueamento. O boné da vítima chegou a ser pego, e depois devolvido, por um dos integrantes do grupo. Os assaltantes mencionaram que queriam também o telefone celular de Angelo, mas acabaram não levando o aparelho. Após ferirem o rapaz, todos fugiram do local.

Imagens que podem ajudar a identificar envolvidos no crime foram captadas pela câmera de segurança da Brigada Militar, instalada na entrada do Calçaedão próximo ao viaduto Evandro Behr. Segundo o capitão Jair Francisco de Oliveira, comandante do 1º esquadrão da BM, responsável pelo policiamento na região central da cidade, as imagens gravadas a partir das 6h31 deste domingo, da área do Calçaedão, mostram pelo menos três indivíduos. O oficial informou que o



Crime ocorreu no centro de Santa Maria, no início da manhã de ontem

material, com duração de 30 segundos, já foi repassado à Polícia Civil. "Nas imagens é possível ver que um dos indivíduos foge para a saída do Calçaedão em direção ao Barrial. No entanto, retorna e foge pelo outro lado do Calçaedão. Concluímos que ele percebe a presença de guarnição da BM que, naquele momento, atendia uma ocorrência na Rio Branco com Venâncio Aires", afirma o capitão. Foi justamente essa guarnição do Pelotão de Operações Especiais, com quatro brigadianos, a primeira a chegar ao local do esfaqueamento.

O delegado André Diefenbach, plantonista da DPPA na tarde de ontem e titular do 1º Distrito Policial, que investigará o homicídio, disse que a namorada do rapaz morto, testemunha do crime, prestou depoimento neste domingo pela parte da manhã. Ela identificou, por fotografias, dois participantes da ação criminosa que resultou na morte do estudante universitário. No entanto, a jovem não teria conseguido ver quem efetuou as facadas contra o namorado, por serem vários os agressores.

André Diefenbach disse que, segundo as informações que chegaram até ele, Angelo não teria reagido ao assalto. O delegado afirmou ainda que os dois indivíduos identificados pela testemunha já têm passagem pela polícia e que



Angelo Razzolini Biazzzi, tinha 23 anos

fariam parte de um grupo que costuma passar as noites na região do Alberto Pasqualini, antiga Rua 24 Horas. "Ainda não vi as imagens disponibilizadas pela Brigada Militar, mas a partir delas e das investigações queremos identificar todos os envolvidos", salientou.

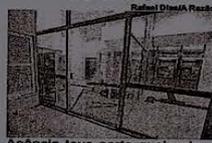
O titular do 1º DP informou ainda que na tarde de ontem foi localizada, pela Brigada Militar, a faca usada no crime. Ela estava embalada em um contêiner de lixo que fica nas proximidades do Lucão Lanches, na Praça Saldanha Marinho.

O corpo do rapaz morto foi levado para Cachoeira do Sul, onde moram seus familiares. O velório iniciou no final da tarde de ontem e o enterro ocorrerá hoje. Também nesta segunda-feira, em Santa Maria, acontecerá uma manifestação de protesto contra a violência, organizado por amigos e colegas de Angelo Razzolini Biazzzi. O ato será realizado, a partir das 11h, na Praça Saturnino de Brito.

Banco é arrombado

A agência do Banco Santander da Avenida Medianeira, em Santa Maria, foi arrombada, possivelmente ontem à tarde. A Brigada Militar foi acionada às 13h30 por um morador da região. Minutos depois uma guarnição já estava no local. A Polícia Civil chegou em seguida com peritos.

Conforme um policial ouvido por A Razão, a porta da agência foi quebrada e o interior do banco revistado. "Entraram e mexeram em mesas e gavetas. Em princípio não houve arrombamento", disse a fonte, às 15h35, enquanto a gerência do banco era aguardada. Os peritos fizeram levantamento de digitais no local e esperavam a chegada de funcionários da agência para averiguar possíveis ima-



Agência teve porta quebrada

gens da câmera de vigilância.

A agência tem três caixas eletrônicas. A ocorrência de arrombamento seria registrada na Delegacia de Polícia de Pronto-Atendimento (DPPA). A delegacia da área, possivelmente o 3º Distrito Policial (3º DP), deverá abrir inquérito e investigar o caso.

Morte

Após meses internado na CTI do Hospital de Caridade, um homem vítima de acidente de motocicleta morreu na madrugada de ontem em Santa Maria. A morte de Alessandro dos Santos Vargas, 34 anos, foi comunicada à polícia pela esposa, moradora da Vila Tropical. O acidente aconteceu no dia 19 de janeiro deste ano, na esquina das avenidas Presidente Vargas com Borges de Medeiros e envolveu um automóvel Corolla e a moto em que Alessandro estava junto com outro homem, que perdeu a perna na colisão. O motorista do carro não se feriu.

Figura 2. Texto: **Jovem é morto no Centro** – A Razão – 15 de agosto de 2011, Página 15.

Utilizar o termo “jovem”, no título de uma matéria - “*Jovem é morto no Centro*” - tem o propósito de evidenciar a idade da pessoa e a prematuridade da morte causada por um crime. O uso de “jovem” chama à intersubjetividade entre locutor e alocutário, que comungam da mesma ideia, de que jovens não deveriam ser mortos, pois têm uma vida inteira pela frente - o *eu* espera que o *tu* pense dessa forma, se antecipa e faz um pré-julgamento desse *tu* antes de redigir a matéria.

No primeiro parágrafo, o sujeito conta que “*Ele foi socorrido pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU)*”, e após isso, utiliza o adversativo “mas” para introduzir outra oração de sentido contrário à primeira. O “mas” é empregado para nos dizer que mesmo tendo sido atendido pelo SAMU, que tem a função de prestar o primeiro atendimento às vítimas de acidentes, crimes ou doenças pré-existentes, garantindo que elas tenham mais chances de viver, Ângelo Razzolini Biazzi não sobreviveu aos ferimentos. O “mas” também foi empregado no terceiro parágrafo, quando o sujeito conta que no momento da abordagem, os assaltantes teriam pedido o celular da vítima, “*mas acabaram não levando o aparelho*”, ou seja, o “mas” liga duas ideias que contrastam - “apesar disso, aquilo não aconteceu”.

A incerteza de quem enuncia está presente quando o mesmo diz que “*Ângelo foi ferido por volta das 6h30*”. Já que ele não tem certeza sobre a hora exata em que ocorreu o crime, o sujeito nos passa a inexatidão, tentando evitar se comprometer com a divulgação da hora errada dos fatos. A incerteza é dele, e mesmo nessa situação, ele nos confia a informação inexata. No quarto parágrafo, o uso do pronome demonstrativo “*deste*”, em “*as imagens gravadas a partir das 6h31 deste domingo*”, marca o sujeito que enuncia quando ele nos apresenta o tempo referencial, que nesse caso é o mesmo da enunciação, pois é o presente em que o sujeito está construindo a cena enunciativa, um domingo. Chegamos a essa conclusão levando em consideração que o fato em questão ocorreu na manhã daquele domingo e que a cena enunciativa foi veiculada na edição do dia subsequente ao fato, uma segunda-feira. Baseado nas rotinas produtivas de um jornal impresso e no dia do fato em questão, o texto só poderia ter sido escrito no domingo, por isso percebemos a presença do locutor através do “*deste*”, já que o pronome demonstrativo indica proximidade a quem fala, logo, o jornalista/sujeito/enunciador. Com isso, percebemos o presente referencial (que nos mostra a temporalidade do fato), coincidindo com o presente da enunciação, sempre o presente.

O locutor vale-se das impressões do Capitão Jair Francisco de Oliveira sobre as imagens das câmeras de segurança da Brigada Militar e as utiliza sob a forma de discursos direto e indireto, retirando-se do posto de fonte de informações. Quando um veículo passa suas informações a partir do que viu em imagens, ele próprio passa a ser uma fonte de informações, visto que ele tem acesso a fatos e provas que outras pessoas não têm. Por isso, a palavra do Capitão dando mais legitimidade às informações.

Três parágrafos dessa cena enunciativa são construídos através de discurso indireto do Delegado de Polícia André Diefenbach, nos quais ele narra como teria sido o depoimento da namorada de Biazzi, que estava junto no momento da agressão, bem como outros dados que fazem parte das investigações. Nesses três parágrafos, identificamos pelo menos três marcas do locutor que conta a história - ele utiliza verbos no futuro do pretérito, que tiram sua responsabilidade sobre o que está dizendo. Quando ele diz que “*a jovem não teria conseguido ver quem efetuou as facadas*”, “*Ângelo não teria reagido ao assalto*” e “*dois indivíduos identificados pela testemunha já têm passagem pela polícia e que fariam parte de um grupo*”, ele se exime da culpa, caso as informações não sejam verdadeiras. É uma alternativa bastante utilizada em textos jornalísticos, quando o jornalista busca não se comprometer com o que escreve.

Complementando o discurso indireto do Delegado de Polícia, o sujeito faz uso do aposto para qualificar a namorada da vítima e explicar o porquê de ela ter prestado depoimento “*...disse que a namorada do rapaz morto, testemunha do crime, prestou depoimento...*”. Outro caso de aposto, com o qual percebemos visivelmente a presença do locutor no discurso é em “*André Diefenbach disse que, segundo as informações que chegaram até ele, Ângelo não teria reagido ao assalto*”. A expressão entre vírgulas explica como o Delegado teria chegado à conclusão de que o rapaz não teria reagido ao assalto: por meio de informações que lhe foram repassadas. Nos dois trechos, o aposto se apresenta para explicar uma situação, sendo o mesmo dispensável para o entendimento por parte do alocutário, mas empregado como um recurso linguístico para clarificar os fatos expostos nas cenas enunciativas.

DIÁRIO DE SANTA MARIA
Um jornal do Grupo RBS

SEGUNDA-FEIRA
15/08/2011
ANO 10 NÚMERO 2.851

R\$ 1,00
www.diarosm.com.br

MAIS **POLÍCIA**

Jovem morto a facadas em assalto no Calçadão

É o 5º latrocínio do ano. Desde 2004, não havia tantos roubos com morte

O Calçadão, que foi palco de uma pancadaria envolvendo jovens e adolescentes na última quarta-feira, tornou-se cenário de um assalto com morte no início da manhã de ontem. O universitário Ângelo Razzolini Biazzi, 23 anos, foi morto a facadas por assaltantes a poucos metros de casa em função de um boné, segundo informações da Brigada Militar. No dia anterior, o local onde o crime ocorreu recebeu dezenas de estudantes numa passeata que pedia paz no Calçadão. Biazzi é vítima do quinto latrocínio do ano – desde 2004, não ocorriam tantos roubos com morte em Santa Maria. Hoje, seus colegas da Unifra voltam ao Calçadão para protestar contra a violência. **Páginas 8 e 9**

EM NOME DO FILHO
Ticianá traz dicas de especialista para pais de adolescentes brigões. **Página 10**

VIVA A FADA
Alunos da Escola Medianeira lembraram de campanha em passeata sobre o trânsito. **Página 7**

TELEVISÃO
Bibi vai casar com Douglas em *Insensato Coração*. A surpresa será na noite de núpcias. **Diário 2**

CINEMA
O ator Caio Blat e a diretora Lúcia Murat estão entre os premiados em Gramado. **Diário 2**

diariosm.com.br

NOVA SANTA MARTA
Adolescente de 14 anos leva quatro tiros **Página 9**

REBELIÃO
Em Santiago, presos queimam celas e colchões **Página 9**

SANTA MARIA
Assaltantes amarram casal e agridem idosa **Página 9**

PROFESSOR PASQUALE
Vol. 2 - Acentuação
Hoje nas bancas

Figura 3. Texto: **Jovem morto a facadas em assalto no Calçadão** – Diário de Santa Maria – 15 de agosto de 2011, Capa.

Na linha de apoio à manchete da Capa, o locutor diz que “É o 5º latrocínio do ano. Desde 2004, não havia tantos roubos com morte”, e com isso ele deixa clara a sua marca, utilizando o “tantos” para dizer que o número de latrocínios é muito grande, se comparado

aos outros anos, sendo o maior desde 2004. As estatísticas dizem isso de forma objetiva, já o sujeito emprega o “tanto”, com a intenção de exprimir quantidade, para intensificar o crime de latrocínio (roubo seguido de morte), causando mais impacto que apenas dados numéricos. Ele interpreta os dados e os oferece aos leitores, estabelecendo uma comunicação intersubjetiva.

No texto de apoio à manchete, o sujeito fala sobre o “*Calçadão, que foi palco de uma pancadaria envolvendo jovens e adolescentes na última quarta-feira*”, fazendo referência aos palcos, onde pessoas se apresentam para um público. Ele quis dizer que o Calçadão está se tornando um local para apresentações, nesse caso, apresentações indesejáveis, como brigas e crimes. A palavra palco é utilizada, pois o Calçadão é um local no qual transita um grande número de pessoas diariamente, logo, elas seriam o público das brigas e crimes que passaram a acontecer. O jornalista também nos conta que “...*desde 2004, não ocorriam tantos roubos com morte em Santa Maria*”, o locutor faz uso novamente do “tanto”, também evidenciando o alto número de latrocínios em Santa Maria. Ainda percebemos o sujeito da enunciação através do “seus” em “*Hoje, seus colegas da Unifra voltam ao Calçadão*”, sendo o termo definido com um elemento de coesão – anáfora -, referindo-se a Ângelo Razzolini Biazzi, a 5ª vítima de latrocínio em 2011, em Santa Maria, estratégia de quem redigiu o texto para não repetir o nome da vítima, dando mais fluidez a cena enunciativa. No mesmo texto, identificamos também o elemento dêitico “*Hoje*”, situando o alocutário sobre a temporalidade do discurso, sendo o presente da enunciação diferente do presente sobre o que está enunciando, nesse caso, uma manifestação em protesto ao crime, uma marca temporal interior ao discurso.

DIÁRIO DE SANTA MARIA
SEGUNDA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 2011

[8 e 9]

POLÍCIA

Fiscalização
na Praça
Saturnino
de Brito

Na noite de sexta-feira, policiais da Brigada Militar e fiscais de trânsito da prefeitura fizeram uma operação para tentar liberar o fluxo de veículos na esquina das ruas Doutor Bozano e Duque de Caxias (foto). Foram abordados veículos que passavam pelo local.

VIOLÊNCIA Ladrões teriam tentado levar boné de estudante, que foi atingido com facadas

Calçadão: roubo e morte

Ángelo Razzolini Biazzi, 23 anos, foi a quinta vítima de latrocínio em Santa Maria desde o início do ano

LÚCIO CHARÃO

Um crime que escancara a violência urbana voltou com força este ano em Santa Maria. Há seis anos, a cidade não tinha um número tão grande de latrocínios (roubo com morte). Pouco depois das 6h30min de ontem, o estudante de Design de Produto da Unifra Ángelo Razzolini Biazzi, 23 anos, foi assassinado no Calçadão Salvador Isaia. Biazzi ingressou uma triste estatística: ele foi a quinta vítima de latrocínio em Santa Maria em 2011 (veja ao lado). Biazzi foi morto com pelo menos duas facadas na região do tórax, na entrada da Galeria do Comércio, mesmo local onde residia em um prédio. Na noite da última quarta-feira, o mesmo Calçadão, tradicional ponto de encontro, foi palco de uma pancadaria: um grupo de jovens agrediu duas pessoas. Ainda no Calçadão, em setembro de 2009, um homem foi assassinado.

Conforme o relato do pai do jovem, o engenheiro eletricitista Bonifácio Biazzi, 57 anos, ele voltava da casa de um amigo após passar a noite assistindo filme. De acordo com a Brigada Militar (BM), o estudante estava com a namorada, Juliana Teixeira Ferreira, 22 anos. Uma câmera da BM registrou o acontecimento. As imagens mostram que, às 6h31min, o casal teria sido abordado por um bando. Em meio a uma suposta discussão, perto da Caixa Econômica Federal, dois dos bandidos teriam começado a empurrar Biazzi em direção à galeria. Neste momento, outro agressor teria se aproximado da vítima, que teria entregue o boné que usava. Na entrada da galeria, o universitário foi esfaqueado pelo menos duas vezes.

A ação durou menos de um minuto: às 6h32min, o trio se dispersou, após supostamente devolver o boné à vítima e fugir sem levar nada. Dois fugiram em direção à Praça Saldanha Maranhão. O terceiro, ao chegar no viaduto Evandro Behr, teria visto uma viatura da BM (chamada para outra ocorrência) e fugiu para a Rua Floriano Peixoto. Minutos depois, a ambulância do Samu chegou. O jovem morreu a caminho do hospital.

– Ele adorava desenhar. Era um ótimo filho – lamentou o pai.

Questionado sobre a violência no Calçadão, o comandante do 1º Regimento de Polícia Montada (1º RPMon), tenente-coronel Wladimir Comassetto, argumenta:

– A surpresa age em favor do criminoso, e não sabemos que arma ele tem. Toda reação é difícil porque ele (bandido) tem o domínio.

A Polícia Civil já tem suspeitos.

Enterro – Natural de Porto Alegre, o jovem morava há três anos em Santa Maria. O corpo foi liberado à tarde do Departamento Médico Legal (DML) e levado a Cachoeira do Sul (onde vive a família), onde será enterrado hoje. Biazzi tinha dois irmãos.

lucio.charao@seer.ufu.br

13 de junho

■ **Vítima** – Comerciante Luis Antônio Gracioli, 43 anos

■ **Local** – Avenida Marista 2, Vila Alto da Boa Vista

■ **Crime** – Gracioli levou ao menos quatro tiros (dois na cabeça, um nas costas e um no tórax), por volta das 19h, e morreu no Pronto-Atendimento (PA) do Patronato. Segundo a Brigada Militar, Gracioli estava em casa, no final da Avenida Marista 2, quando a energia elétrica da residência teria sido cortada. Ao sair para ver o que havia acontecido, avistou dois homens e teria começado a lutar com um deles, que estava armado. Gracioli era dono da Madeireira Tarunã, em frente a sua casa, da qual os criminosos levaram R\$ 2 mil

■ **Situação do caso** – O inquérito foi concluído em 27 de junho. Alessandro Fontoura da Fontoura, 24 anos, foi preso no dia 16 de junho (ele estava foragido desde 2 de junho), em Dom Pedro. Em depoimento, ele disse não estar em Santa Maria no dia do crime. Fontoura está no Presídio Regional de Santa Maria

9 de julho

■ **Vítima** – Rogério Almiron da Silva, 19 anos

■ **Local** – Rua Rio Pardo, no bairro Dom Antônio Reis

■ **Crime** – Silva foi morto com um tiro no peito após reagir a um assalto. O crime foi por volta das 20h40min. Conforme a polícia, Silva e um amigo saíram de um supermercado que fica perto do Trevo da Uglione, atravessaram a BR-158 e entraram na Rua

Final da noite a ser levado morreu às 4h das 23h de final do grupo Veônibus com Mendes, 65, casal a parais, na Rua Rua Coronel Maria foram

Mortes sem motivo

Para a socióloga e doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Rosimeri Aquino da Silva, o número de latrocínio em Santa Maria é um retrato da sociedade atual. Rosimeri, que ainda integra o Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania da UFRGS, avalia que matar sem motivo aparente é, infelizmente, cada vez mais comum:

– O que a gente percebe é que a violência contemporânea está espalhada, disseminada. Somado à drogadição, há o aspecto subjetivo que é o descaço com a vida. Tudo se torna descartável. Há uma banalização da violência de forma muito incorporada.

O delegado regional de Polícia Civil, Marcelo Arigony, concorda com a pesquisadora:

– Cada roubo é um potencial latrocínio. O que a polícia reafirma sempre é que não se reaja. O agressor não tem nada a perder – explica.

Rosimeri ainda vai adiante e la-

Um pedido por paz

Crianças e adolescentes do BOE (Batalhão de Operações Especiais) Mirim, em Santa Maria, e do Colégio Tiradentes fizeram uma passeata na manhã de sábado, no Calçadão, pedindo paz. Os manifestantes, coordenados pela Brigada Militar (BM), distribuíram 210 rosas – média do número de ocorrências registradas por mês na cidade relacionadas à violência – aos pais.

As 11h de hoje, saindo da Praça Saturnino de Brito, um grupo de cerca de 200 universitários irão se dirigir ao Calçadão com faixas, cartazes e apitos pedindo paz. Os integrantes do manifesto são amigos do estudante de Design de Produto da Unifra Ángelo Razzolini Biazzi, 23 anos, assassinado ontem, com pelo menos dois golpes de faca na região do tórax, na entrada da Galeria do Comércio.

– Ele era um cara muito alegre, feliz. Não causava problema para ninguém – lamenta o amigo Pablo Zambeli, 26 anos.

Mortes sem motivo

Para a socióloga e doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Rosimeri Aquino da Silva, o número de latrocínio em Santa Maria é um retrato da sociedade atual. Rosimeri, que ainda integra o Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania da UFRGS, avalia que matar sem motivo aparente é, infelizmente, cada vez mais comum:

– O que a gente percebe é que a violência contemporânea está espalhada, disseminada. Somado à drogadição, há o aspecto subjetivo que é o descaço com a vida. Tudo se torna descartável. Há uma banalização da violência de forma muito incorporada.

O delegado regional de Polícia Civil, Marcelo Arigony, concorda com a pesquisadora:

– Cada roubo é um potencial latrocínio. O que a polícia reafirma sempre é que não se reaja. O agressor não tem nada a perder – explica.

Rosimeri ainda vai adiante e la-

Um pedido por paz

Crianças e adolescentes do BOE (Batalhão de Operações Especiais) Mirim, em Santa Maria, e do Colégio Tiradentes fizeram uma passeata na manhã de sábado, no Calçadão, pedindo paz. Os manifestantes, coordenados pela Brigada Militar (BM), distribuíram 210 rosas – média do número de ocorrências registradas por mês na cidade relacionadas à violência – aos pais.

As 11h de hoje, saindo da Praça Saturnino de Brito, um grupo de cerca de 200 universitários irão se dirigir ao Calçadão com faixas, cartazes e apitos pedindo paz. Os integrantes do manifesto são amigos do estudante de Design de Produto da Unifra Ángelo Razzolini Biazzi, 23 anos, assassinado ontem, com pelo menos dois golpes de faca na região do tórax, na entrada da Galeria do Comércio.

– Ele era um cara muito alegre, feliz. Não causava problema para ninguém – lamenta o amigo Pablo Zambeli, 26 anos.

Mortes sem motivo

Para a socióloga e doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Rosimeri Aquino da Silva, o número de latrocínio em Santa Maria é um retrato da sociedade atual. Rosimeri, que ainda integra o Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania da UFRGS, avalia que matar sem motivo aparente é, infelizmente, cada vez mais comum:

– O que a gente percebe é que a violência contemporânea está espalhada, disseminada. Somado à drogadição, há o aspecto subjetivo que é o descaço com a vida. Tudo se torna descartável. Há uma banalização da violência de forma muito incorporada.

O delegado regional de Polícia Civil, Marcelo Arigony, concorda com a pesquisadora:

– Cada roubo é um potencial latrocínio. O que a polícia reafirma sempre é que não se reaja. O agressor não tem nada a perder – explica.

Rosimeri ainda vai adiante e la-

Um pedido por paz

Crianças e adolescentes do BOE (Batalhão de Operações Especiais) Mirim, em Santa Maria, e do Colégio Tiradentes fizeram uma passeata na manhã de sábado, no Calçadão, pedindo paz. Os manifestantes, coordenados pela Brigada Militar (BM), distribuíram 210 rosas – média do número de ocorrências registradas por mês na cidade relacionadas à violência – aos pais.

As 11h de hoje, saindo da Praça Saturnino de Brito, um grupo de cerca de 200 universitários irão se dirigir ao Calçadão com faixas, cartazes e apitos pedindo paz. Os integrantes do manifesto são amigos do estudante de Design de Produto da Unifra Ángelo Razzolini Biazzi, 23 anos, assassinado ontem, com pelo menos dois golpes de faca na região do tórax, na entrada da Galeria do Comércio.

– Ele era um cara muito alegre, feliz. Não causava problema para ninguém – lamenta o amigo Pablo Zambeli, 26 anos.

Figura 4. Texto: **Calçadão: roubo e morte** – Diário de Santa Maria – 15 de agosto de 2011, página 8.

Já na cartola da cena enunciativa (frase acima do título da matéria, com informações complementares a ela), “*Ladrões teriam tentado levar boné de estudante, que foi atingido com facadas*”, o locutor faz uso do verbo “ter” no futuro do pretérito, supondo o que teria acontecido e que teria culminado na morte de Ángelo Razzolini Biazzi. No título, uma frase de impacto “*Calçadão: roubo e morte*”. Ele simplesmente localiza onde aconteceu o fato sobre o qual irá nos contar e explica o que nele aconteceu

© Carlos Alberto Badke, Celia Helena de P. Della Méa, Daiani Ferrari Trindade; p. 14-40.

35

“roubo e morte”, buscando chamar a atenção do alocutário, de forma que esse se sinta instigado a se aventurar nas linhas do texto. O jornalista podia ter escolhido falar apenas sobre a realidade revelada a partir do crime de latrocínio, em que consiste, número de vítimas, mas não, preferiu dizer no primeiro parágrafo da cena enunciativa que “*Um crime que escancara a violência urbana voltou com força*”, como se os outros crimes não revelassem violência, só o latrocínio. Essa forma de noticiar o fato parece dizer que esse é o “crime mais importante”, no caso, o de mais gravidade. Ainda sobre o latrocínio, esse sujeito diz que “*Biazzzi engrossou uma triste estatística*”, sendo que ele usou o verbo “engrossar”, no sentido de tornar mais numerosos os crimes de latrocínio em Santa Maria, algo que ele poderia ter dito simplesmente com os verbos aumentar, adicionar ou somar, por exemplo. O verbo engrossar, assim como se “engrossa um molho”, parece dar “mais corpo” à frase – sinônimo de vultoso, evidenciando o aumento no número de crimes como o latrocínio. Outra marca pela qual identificamos claramente esse sujeito é a adjetivação de estatística como “triste”. Percebemos o sujeito que associa os números sobre latrocínio com a possível tristeza que o crime proporciona nas pessoas cujos familiares são vítimas, além de uma tristeza generalizada por ser um crime contra a vida por motivo fútil, o que pode revoltar também toda a sociedade. Mais uma vez, o locutor prevê o julgamento do leitor e o antecipa nas páginas do jornal, buscando cumplicidade entre ambos, encontrada nas percepções do crime em questão.

Também no primeiro parágrafo da cena enunciativa, o locutor diz que o número de latrocínios em Santa Maria nunca fora “*tão grande*”, ressaltando assim o número da ocorrência do crime na cidade, mobilizando o leitor de forma mais eficaz do que simplesmente apresentando estatísticas objetivas. O locutor não está apenas mostrando dados, está poupando o trabalho do alocutário, que não precisa interpretar os números, já que o próprio jornalista interpretou e os entregou aos leitores do jornal, sob sua ótica.

Em “*Na noite da última quarta-feira, o mesmo Calçadão, tradicional ponto de encontro, foi palco de uma pancadaria...*”, o locutor se manifesta associando o Calçadão a uma praça de guerra, um palco para apresentações de lutas. Ele fala em pancadaria de forma a depreciar o local e, para poder dizer isso, ele explica e contextualiza acrescentando que “*um grupo de jovens agrediu duas pessoas (na última quarta-feira)*” e “*Ainda no Calçadão, em setembro de 2009, um homem foi assassinado*”. Com esses complementos à frase, ele justifica o palco de pancadaria que o Calçadão teria se tornado.

Os discursos indireto e direto são estratégias utilizadas pelo locutor para contar a história, dando a ela credibilidade, pois ele utiliza discursos da namorada de Ângelo, que estava junto no momento da abordagem, bem como do pai do jovem e do Comandante do 1º Regimento de Polícia Montada, que fala exclusivamente sobre a violência do Calçadão. Isso corrobora o discurso do locutor no início do texto sobre o Calçadão ter se transformado numa praça de guerra, de modo que esse fique isento do que falou, já que está se baseando nas impressões e experiências de uma autoridade policial. Suas falas dão seguimento à história e mostram impressões próprias que o jornalista não deveria estar trazendo para os leitores num texto pretensamente objetivo, embora possamos ver claramente a tentativa de distanciamento desse mesmo jornalista ao colocar outras vozes no texto como ferramenta para, além de contar o fato, atrair leitores para ele. Outro recurso do qual o jornalista lança mão é a transcrição, conforme suas impressões, de imagens de câmeras de vigilância da Brigada Militar. Nessa narração dos fatos, ele emprega termos como “*teria*”, “*suposta*”, “*teriam*”, “*pelo menos*” e “*supostamente*”, o que nos diz que ele não tem certeza do que está vendo, ou se tem, não quer se comprometer publicando uma informação errada ou que não esteja de acordo com as investigações dos órgãos competentes. Dando suas impressões sobre as imagens das câmeras de vigilância, o locutor convida o alocutário a ver sem ver, a ver com seus olhos de locutor.

Para encerrar a cena enunciativa, em “*Enterro - Natural de Porto Alegre, o jovem morava há três anos em Santa Maria*”, mais uma vez temos a presença explícita do locutor no intertítulo da matéria, que tem a função de elemento dêitico, pois dá ao leitor a noção temporal e espacial, dizendo o local de nascimento da vítima, bem como o tempo que ele residia em Santa Maria, além de prestar informações sobre deslocamento do corpo e enterro. Esse locutor optou por essa estrutura para que esses dados acerca de Ângelo não ficassem esquecidos no meio do texto.

5. Juntando os fatos enunciativos

Nas cenas enunciativas do jornal AR, encontramos a presença do sujeito enunciador a partir de adjetivações, discursos direto e indireto, verbos modalizadores, além de elementos dêiticos, pronomes demonstrativos, entre outros artifícios, que claramente se prestam a encobrir a presença desse locutor. Quando utiliza um discurso, seja direto ou indireto, o mesmo expressa que aquela voz é de outro e não sua, ou seja,

marcando sua presença de forma efetiva no discurso que, segundo os preceitos da prática jornalística, deveria ser objetivo.

Esses traços subjetivos foram encontrados tanto no texto presente na editoria policial de AR, bem como na manchete de capa do periódico que chama para a leitura do corpo do jornal. Em AR, percebemos em torno de 18 ocorrências subjetivas nas duas cenas enunciativas selecionadas, sendo que não nos detemos no número de vezes em que elas se manifestaram, mas apenas no tipo de evidência encontrada em cada enunciado (por ocorrência, definimos o tipo de marca subjetiva: adjetivação, discursos, dêiticos, etc.).

No DSM, identificamos também como mais recorrentes as marcas subjetivas explicitadas pelos discursos (direto e indireto) e as adjetivações, principalmente com o intuito de esclarecer as figuras presentes na cena enunciativa, como a vítima e o bandido, por exemplo, e demonstrando, ainda, a gravidade do fato. Também percebemos elementos de comparação, anáforas e o uso de aposto. Outro recurso utilizado pelo DSM é o uso da terceira pessoa do singular para falar de si mesmo, com o qual o veículo também tenta estabelecer distância entre o fato e as impressões do jornalista. Analisando as cenas enunciativas do DSM, identificamos em torno de 24 ocorrências de marcação do sujeito, que, de acordo com os ensinamentos jornalísticos, não deveriam existir para que as cenas seguissem o caminho da credibilidade.

Na editoria policial, os discursos trazem outras vozes para auxiliar na compreensão e a adjetivação é muito presente, o que nos permite identificar a rotulação da figura da não pessoa, ou seja, daquele que se fala. Ainda, o emprego dos verbos modalizadores, que trazem a intenção do sujeito de não se comprometer, compõem os textos pretensamente objetivos, embora todas essas marcas do sujeito enunciador sejam, no texto jornalístico, recursos utilizados para não fazer um julgamento antecipado dos fatos, bem como para isentar o jornalista do que o mesmo escreve, visto que ele seria apenas um mediador entre os fatos e a sociedade.

6. Considerações finais

Jornalistas utilizam a linguagem como instrumento de trabalho e lançam mão de artifícios que ela oferece para maquiagem a subjetividade que subjaz qualquer cena enunciativa. A linguagem não pode ser aliada de uma falsa objetividade ou de uma subjetividade velada, mas percebemos que as mais expressivas marcas subjetivas estão

justamente nas suas ferramentas utilizadas para tentar tornar o discurso objetivo. Talvez os exemplos mais expressivos sejam os discursos direto e indireto, que claramente demonstram não se tratar de ditos do sujeito, mas de outra pessoa, além de sinais gráficos, como as aspas, os parênteses, as vírgulas (no caso dos apostos, quando o sujeito acredita ser válido explicar algum aspecto importante do discurso, embora dispensável) ou as travessões, indicando a fala de outro.

Baseando-nos nas ocorrências subjetivas encontradas nas cenas enunciativas, poderíamos inferir que os textos do Diário de Santa Maria revelam maior índices de subjetividade do que os de A Razão, mas, acreditamos, que as análises feitas encaminham para o fato de que não há por que rotular qual é mais ou menos subjetivo, pois a língua toda está marcada pela presença do homem. Convém, ainda, ressaltar que não trabalhamos com o propósito de esgotar as passagens do sujeito nos discursos em questão, apenas demonstrar que elas existem e estão devidamente marcadas, mesmo quando não é essa sua intenção.

Embora sem marcas explícitas, artifícios que delimitamos nesse trabalho, o sujeito subjaz todo e qualquer discurso. Outro aspecto importante que nos impede de afirmar ser um ou outro veículo mais objetivo é que não há objetividade no jornalismo, conforme demonstramos através do estudo da linguagem utilizada nas cenas enunciativas e, ainda, porque o *corpus* selecionado é pouco expressivo para que tal afirmação possa ser feita. Para tanto, seria necessário um estudo mais aprofundado dos dois periódicos selecionados e que este fosse feito com base em todo seu conteúdo e não apenas um recorte, sob pena de criarmos um falso rótulo para os mesmos.

O que podemos concluir, então, baseado na Teoria da Enunciação de Benveniste, é que não há dúvidas de que, quando enuncia, o jornalista se coloca claramente na cena enunciativa e oferece suas impressões como verdadeiras. Por essa razão, não é adequado falar em falta de credibilidade jornalística diante do exposto, visto a impossibilidade de separação entre sujeito e língua. Logo, não se deve pregar, tampouco esperar uma cena enunciativa objetiva em sua essência, ou seja, sem marcas subjetivas, algo impossível, que Benveniste nos apresenta através de estudos sobre a linguagem, a matéria prima da comunicação.

Referências bibliográficas

ABRAMO, C. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. Organização e edição: Cláudio Weber Abramo. Companhia das Letras, 1988.

AMARAL, L. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

BENVENISTE, É. Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946). In: BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. Da subjetividade na linguagem (1958). In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. O aparelho formal da enunciação (1970). In: _____. **Problemas de linguística geral I**. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1988.

FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **(org). Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MEDINA, C. **Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como elas são**. Nelson Traquina. Florianópolis: Insular, 2004.

_____. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.

Artigo recebido em: 19.12.2014

Artigo aprovado em: 09.06.2015